

Olivia Byington reinventa o amor

TEXT: FELIPE TADEU

Ela só colheu elogios com seu disco anterior, o *A Dama do Encantado*, onde se lançava de corpo e alma ao universo boêmio de Aracy de Almeida, para muitos a maior intérprete de Noel Rosa. Quatro anos depois, em 2001, Olivia Byington estava de volta aos estúdios para enveredar por outro curioso projeto, o de regravar aquele que ficou conhecido como o primeiro disco da história da bossa nova, o *Canção do Amor Demais*, de Elizete Cardoso. Um álbum mitológico, safra 1958, realizado sob a tutela do prestigiado selo Festa de Irineu Garcia, e que reunia pela primeiríssima vez a santíssima trindade da bossa: os autores Tom Jobim e Vinícius de Moraes, mais aquele tal de João Gilberto e seu violão tirado dos requieiros das lavadeiras de Juazeiro. Elizete Cardoso, ex-cantora de circo e cabaré descoberta por Jacob do Bandolim, emplacava então um memorável LP, que obteve vendagem significativa para a época, surpreendendo até a própria intérprete. Enfim, uma tremenda responsabilidade para os ombros de Olivia, até porque Elizete morreu sonhando em regravar este disco por inteiro, já que ela achava que sua voz aparecia aguda demais.

Mas Olivia Byington sabia muito bem onde é que estava se metendo. Pelo menos, é essa a sensação que se tem quando nos deparamos com o CD que está saindo agora pela Biscoito Fino, e que traz as treze faixas de Tom e Vinícius cantadas por ela com tamanho primor. Um álbum que já tinha sido lançado como brinde de final de ano pela Editora Globo com exclusividade para os seus clientes. Para aqueles que acompanham Olivia desde seu disco de estréia – o vigoroso *Corra o Risco*, de 1978, do qual participou a lendária A Barca do Sol –, nada mais gratificante do que perceber, mais uma vez, o quanto a cantora de Lady Jane (dos maninhos Geraldo & Nando Carneiro) soube progredir tecnicamente nestas duas décadas e pouco.

Canção do Amor Demais é um desdobramento mais do que natural na discografia de Olivia Byington. A cantora já tinha tido a honra de se apresentar junto a Tom Jobim em ocasiões como a da entrega do Prêmio Shell no ano de 1982, ou no concerto para o presidente de Portugal Mário Soares no Canecão, dez anos depois. Na série de Songbooks da Lumiar de Almir Chediak, Olivia tomou parte nos projetos dedicados aos dois compositores

de *Garota de Ipanema*, interpretando a *Canta, Canta Mais* no volume de Tom, e o *Soneto da Separação* em dobradinha com Paulo Jobim no disco tributado ao ex-diplomata do Itamaraty.

Olivia Byington tem um histórico profissional que vai de apresentações ao lado de Radamés Gnattali a Egberto Gismonti, sendo que com Paulo Moura, Clara Sverner e Turibio Santos formou um quarteto de virtuosos que acabou desaguando em disco. Isto sem falar que lá nos primórdios dos anos 70, Olivia já dividia os palcos com o célebre violoncelista Jacques Morelembaum na banda de rock Antena Coletiva. Ou seja, nada de se espantar para quem iniciou seus estudos de piano aos seis anos de idade, aos oito partia para o violão e aos dez encarava o violino. „Todo mundo fala que sou chique, elitista, mas não é por aí. Talvez até seja, mas sou acessível“, comentou certa cantora nascida no Rio de Janeiro a Pedro Alexandre Sanches, da Folha de São Paulo.

Amor Demais

A primeira coisa que impressiona na *Canção do Amor Demais* é realmente a magnitude do repertório. A parceria de Vinícius de Moraes e Tom Jobim estava entrando numa fase tão fértil, que o próprio Vina fazia questão de ressaltar isso no texto da contracapa do disco original de Elizete Cardoso. „Este LP, que se deve ao ânimo de Irineu Garcia, é a maior prova que podemos dar da sinceridade dessa amizade e dessa parceria. “A partir dos sambas de Orfeu da Conceição, raras têm sido às vezes em que, de um encontro meu com o maestro, não resulte alguma composição nova“, derrama-se Vinícius, que completava: „por isso que eu creio ser essa a verdadeira linguagem da nossa relação“.

Olivia Byington convocou então o pianista Leandro Braga para cuidar dos arranjos de seu disco, e com ele os violonistas Marcello Gonçalves, João Lyra e Marco Pereira, além do baixo de Jamil Joanes, os sopros de Dirceu Leite, o bandolim de Hamilton de Hollanda e Beto Cazes na percussão. Foram todos para o estúdio da Cia. dos Técnicos e começaram a repaginar o clássico. Em *Chega de Saudade*, canção que abre o disco, Olivia desliza com plena desenvoltura, cantando a letra sob a ótica feminina. Depois é a vez de *As Praias Desertas*, que tem em Tom seu único autor, numa peça sim-

plesmente irretocável. Nela surge uma apaixonante Olivia estendendo os versos, como quem pinta o horizonte aberto para um amor que está só para começar. E vem então a música que quase batiza o disco, a *Eu Não Existo sem Você*, com um Vinícius melancólico, de versos que enfatizam os aprendizados da dor, „assim como o poeta/ só é grande se sofrer“.

A quarta música é talvez o ponto alto do disco de Olivia Byington, a *Serenata*



do Adeus, escrita por Vinícius de Moraes. É interessante perceber a delicadeza única da cantora nas canções que falam da lua gravadas por ela no decorrer de sua carreira. Outra música bastante conhecida do acervo bossanovístico, com piano, voz e violão em perfeita sintonia. *Vida Bela (Praia Branca)* é a faixa mais cadenciada do disco, num samba-que-é-misto-de-maracatu que há de ser desconcertado pela dolente *Canção do Amor Demais* que fecha o álbum. Mais uma letra dilacerante da lavra do poetinha, de dor no peito e saudosismos, e o Tom Jobim compondendo as lágrimas que nos trazem aquela estranha felicidade.

Ver o *Canção do Amor Demais* de Olivia Byington sendo relançado pela Biscoito Fino para o grande público é como um alívio para aqueles que não suportam andar pelas trilhas do paraíso e se deparar com uma bela praia que é propriedade particular. Deleite-se com o CD e aguarde ansiosamente por Olivia Byington interpretando as composições de Geraldo Carneiro, outro poeta dos bons, vindo dos mares navegados pela inesquecível *Barca do Sol*. ■